

# O CALIFA DA RUA DO SABÃO

*Inverossimilhança lírico-burlesca em 1 ato e diversos idiomas  
imitada de uma farsa de Labiche.*

*Música de Francisco de Sá Noronha*

## PERSONAGENS

NATIVIDADE

NEGOCIANTE

CUSTÓDIO, *guarda-livros*

O *primo* alferes

JOSÉ, *moço de hotel*

JOSEFINA, *modista francesa*

DONA SIMPLÍCIA

*A ação [se passa] no Rio de Janeiro. Atualidade*

## CENA I

### CUSTÓDIO

*(Só, sentado no divã, de chapéu na cabeça e com as mãos apoiadas num grande guarda-chuva.)*

[CUSTÓDIO] — Não sei o que pensar de tudo isto! Ainda ontem era eu guarda-livros em casa do Senhor Natividade, à Rua da Alfândega... quando o patrão que, na véspera, chegara da Turquia, onde tinha ido buscar um bonito sortimento de artigos turcos, pôs-me no olho da rua, pelo simples fato de eu ter deixado cair do nariz no varão, um pequeno pingo de tabaco. *(Erguendo-se.)* O Senhor Natividade devia lembrar-lhe que há dezessete anos sou guarda-livros e é o primeiro pingo de tabaco que me cai na escrituração. Verdade seja que há apenas um mês que eu gasto. Não me quis atender o bárbaro! E disse-me com um gesto de Grão-turco: — Saia, Senhor Custódio, saia! Tomei então o meu guarda-chuva e o bonde, e fui para casa desconsolado e murcho! Mas ontem à noite, recebi do meu ex-patrão este misterioso bilhete: *(Lendo.)* “Custódio, esteja amanhã às nove horas da manhã, no quarto andar da casa da Rua do Sabão, número tal. O primeiro que chegar espere pelo outro. Mistério! Mistério!! Mis tério!! !” Repito, não sei o que pensar de tudo isto! Aqui estou no quarto andar, fazendo quarto, e como são nove horas e um quarto, e o ex-patrão não aparece, vou pôr os quartos na rua. *(Dispõe-se a sair, quando Natividade entra misteriosamente pelo fundo.)*

## CENA II

### CUSTÓDIO e NATIVIDADE

#### *Duetino*

NATIVIDADE — Psit! Psit! *(3 vezes.)*

CUSTÓDIO — O patrão! *(3 vezes.)*

NATIVIDADE — Psit! Psit!

Cala a boca,

Pois é pouca

Toda a tua discricção!

CUSTÓDIO — Temos mistério! *(Bis.)*

NATIVIDADE — Mas muito sério!

Ninguém deve

Nem de leve

O que vim fazer

Saber!  
 Psit! Psit!  
 Mas muito sério.

JUNTOS — Ninguém deve  
 Nem de leve  
 o que { vim fazer  
       veio  
       Saber,

NATIVIDADE — Eu tomei três tálburis,  
 Dobrei mil esquinas,  
 Abaixei cortinas  
 E afinal cá estou;  
 Ai, meu bom Custódio,

Serás surdo e mudo,  
 Senão lá vai tudo  
 Quanto Marta fiou!

CUSTÓDIO — Tanto mistério, patrão, patrão,  
 Trata-se acaso de um crime?... de um crime?...

NATIVIDADE — Adivinhaste: de um crime!

CUSTÓDIO (*Querendo desmaiar.*) — Segura-me, eu caio  
 De ventas no chão!

NATIVIDADE — Cala, cala,  
 Pois é pouca  
 Toda a tua descrição!

JUNTOS — Ninguém deve  
 Nem de leve  
 Saber desta reunião,  
 Ninguém deve  
 Nem de leve  
 Saber desta reunião! reunião! reunião!

CUSTÓDIO (*Amedrontado.*) — Um crime, patrão!

NATIVIDADE — Silêncio! Um crime, é verdade...

CUSTÓDIO (*Correndo.*) — Ó da guarda!

NATIVIDADE (*Agarrando-o pelo fato.*) — Vem cá. Não te precipites! Um crime que não [é] previsto pelo Código. Trata pura e simplesmente de trair a minha fé conjugal.

CUSTÓDIO (*Repreensivo.*) — Oh! patrão!

NATIVIDADE — Que queres? Fraquezas da humanidade.

CUSTÓDIO — E a patroa, a Senhora Dona Simplícia?

NATIVIDADE — Custódio, se és meu amigo, não me fales de Simplícia. Não imaginas o que é a minha vida privada!

CUSTÓDIO — Deveras?

NATIVIDADE — Já chegamos ao ponto de não nos falarmos senão no dia primeiro, que é quando caio com os cobres para a despesa da casa... e ainda assim, sempre acabamos brigando! Resolvi, portanto, fazer outra família à parte.

CUSTÓDIO — Patrão! Patrão!

NATIVIDADE — Foi uma idéia que me ocorreu há dois meses, em Constantinopla. Disse comigo: — Natividade, eis-te na pátria das huris, na terra das formosas escravas.

CUSTÓDIO — Hein? Comprou uma mulher?

NATIVIDADE — Eu nunca fui abolicionista, e há muito tempo desejava realizar esta transação oriental! Vesti-me de turco e dirigi-me...

CUSTÓDIO — A uma casa de comissão.

NATIVIDADE — A um bazar, para efetuar a minha compra. Tomou-me a passagem no caminho um respeitável muçulmano, que me disse em muito bom francês: — *Monsieur, j'ai une occasion magnifique, une circassienne<sup>1</sup> superbe<sup>2</sup>!* Levou-me à sua tenda, bateu três vezes numa portinha, e a formosa Zetublé apareceu, envolvida em gazes!

CUSTÓDIO — Transparentes?

NATIVIDADE — Maganão! Não regateei... O turco pediu -me cinco mil francos: dei-lhe dois mil e quinhentos.

CUSTÓDIO — Barata feira!

NATIVIDADE — Dois mil e quinhentos francos, entenda-se.

CUSTÓDIO — Ah!

NATIVIDADE — E mais três quilos de tabaco de Goiás... Nesse mesmo dia, parti para Marselha com a minha esplêndida cativa. (*Mostrando a porta do primeiro plano à direita.*) Ela está ali... naquela alcova... envolvida nos seus gases, quero dizer, nas suas gazes.

CUSTÓDIO — Pode-se entrar?

NATIVIDADE — Maganão! E aqui tens o meu serralho.

CUSTÓDIO — Na Rua do General Câmara!

NATIVIDADE — Antiga do Sabão, é verdade.

CUSTÓDIO — Mas permita uma observação, Senhor Natividade, no Brasil já não há escravas.

NATIVIDADE — E que tem isso?

CUSTÓDIO — Ela é livre, e se quiser passar o pé...

NATIVIDADE — Então eu caio de cavalo magro? Primeiro que tudo, ela não sabe que está no Rio de Janeiro!

---

<sup>1</sup> Circassienne — Natural ou habitante da Circássia (Ásia).

<sup>2</sup> Trad — Senhor, tenho uma oportunidade magnífica, uma circassiana esplêndida.

CUSTÓDIO — Homessa!

NATIVIDADE — Quando chegamos a Marselha, ela achava-se bastante incomodada pelo enjôo do mar.

CUSTÓDIO — Pobre huri!

NATIVIDADE — Logo no dia seguinte, estávamos a bordo do navio que nos trouxe para cá... Desembarcamos à noite, meti-a num carro fechado, trouxe -a para este quarto andar, fechei a porta, abri aquela janela, e disse-lhe, apontando para o zimbório da Candelária: — Estamos em Túnis! Ali está a grande mesquita...

CUSTÓDIO — Em Túnis! E ela engoliu a pílula?

NATIVIDADE — Ora essa. Se eu lhe dissesse Chapéu d'Uvas, engoli-la-ia da mesma forma. As circassianas não sabem geografia.

CUSTÓDIO (*À parte.*) — Este patrão é de força! (*Alto.*) Mas o que não vejo, é para quê me mandou chamar! Em que lhe poderei ser útil?

NATIVIDADE — Custódio, tu és um bom velhote. Presta-me toda a atenção. (*Vão sentar-se no divã.*)

CUSTÓDIO — Sou todo ouvidos.

NATIVIDADE — Tu, como guarda-livros, és bananeira que já deu cacho.

CUSTÓDIO — Mas...

NATIVIDADE — Pus-te no andar da rua... para dar-te outro emprego.

CUSTÓDIO — Deveras?

NATIVIDADE — Uma sinecura, não te digo mais nada. Casa, comida, cem bagarotes por mês, para não fazer nada.

CUSTÓDIO — Oh! Senhor Natividade! Não sei como lhe agradeça... Mas, que vem a ser o tal emprego?

NATIVIDADE — Meu velho, na Europa é costume fazer uns bonecos de palha, que se colocam nas cerejeiras...

CUSTÓDIO — Sim, senhor, na minha terra chamam-se espantalhos.

NATIVIDADE — É isso mesmo. Discretos ao último ponto, esses manequins são incapazes de tocar nas cerejas, mas espantam os passarinhos que tentam aproximar-se delas.

CUSTÓDIO — Mas não atino...

NATIVIDADE — Vais atinar... Nos serralhos há uma classe de funcionários... espantalhos, incumbidos de vigiar as cerejas do sultão.

CUSTÓDIO (*Levantado-se vivamente.*) — Alto lá, não sou de palha!

NATIVIDADE — És o homem que me convém. Tomarás conta do teu novo emprego hoje mesmo. (*Consultando o relógio.*) São dez horas... Começas a vencer o ordenado.

CUSTÓDIO (*À parte.*) — Ora esta, que bonito emprego para um cidadão que ainda gosta de cerejas!

NATIVIDADE (*Abrindo a primeira porta da esquerda.*) — É este o teu quarto... Ali encontrarás uma vestimenta de turco, um alfanje e umas barbas.

CUSTÓDIO — É preciso que eu me disfarce em turco?

NATIVIDADE — Pois se estamos em T únis!

CUSTÓDIO — Mas se eu não sei uma palavra da língua turca.

NATIVIDADE — Nem eu.

CUSTÓDIO — Nesse caso a Zetublé percebe logo que...

NATIVIDADE — Não percebe tal, ela só sabe o idioma da Circássia. Podes falar-lhe todas as línguas! Ah, é verdade, não te esqueças de que eu me chamo Ben-Cid-Natividade.

CUSTÓDIO — Tem graça, tem... mas eu também precisava de um nome oriental.

NATIVIDADE — Tu chamas-te Omã.

CUSTÓDIO — Custódio Omã! Não soa mal. Custódio Omã.

NATIVIDADE — Vai, vai mudar de fato. Preciso apresentar-te a Zetublé.

CUSTÓDIO (*À porta da esquerda.*) — Hein! O meu quarto está cheio de sacos!!

NATIVIDADE — Já disse ao senhorio que mandasse tirar esses sacos de rolhas, aqui deixadas por um sujeito que aqui morou.

CUSTÓDIO — Daqui a pouco levo-as para o corredor. (*Natividade toma-o pela mão, trá-lo ao proscênio e cantam ambos misteriosamente o último motivo do dueto. Cantam.*)

NATIVIDADE — Cala, cala,

JUNTOS — Cala a boca, (*Bis.*)

Pois é pouca

Toda a tua discrição!

Toda a minha discrição!

NATIVIDADE — Psit! Psit!

ninguém deve

JUNTOS — Ninguém deve

Nem de leve

Saber desta reunião, desta reunião, desta reunião.

(*Custódio sai pela esquerda.*)

### CENA III

NATIVIDADE, *depois* JOSEFINA

NATIVIDADE (*Consultando o relógio.*) — Dez horas e um quarto... São horas de vestir-me de califa. (*Toma a vestimenta que está pendurada e veste por cima de suas roupas. Arma-se com um enorme alfanje. Enquanto*

*se veste.*) O bonito é que fiquei de estar com minha mulher, às dez horas, na Rua Direita, ao pé do Correio, para irmos juntos ver uma casa que, durante a minha ausência, ela comprou não sei em que bairro. Ora! Irá com o primo, um primo alferes, que sempre me substitui nestas estopadas. Por isso disse-lhe que fosse ter com ela à Rua Direita... e o rapaz é de uma condescendência, coitado! (*Deitando na cabeça um enorme turbante.*) São horas de irmos ter com a nossa fantástica Zetublé! (*Chamando.*) Zetublé! Ó Zetublé! Não responde... Chamemo-la com uma serenata bem apaixonada. (*Canta fazendo do alfanje guitarra.*)

## I

Doce filha da Circássia,  
Branca per'la do Oriente,  
Vem ouvir a voz plangente  
De teu senhor; (*Bis.*)  
Quero estreitar-te em meus braços,  
Quero gozar-te as carícias  
E as inefáveis delícias  
De teu amo! (6 vezes.)

Ah!

Ó Zé. ..Zé.. .Zé...

Ó Zetublé,

Vem cá,

Vem já,

Vem cá,

Vem fazer-me cafuné!

Ó Zé. ..Zé.. .Zé...

Ó Zetublé,

Vem cá,

Vem já,

Vem fazer-me cafuné.

Vem cá,

Vem fazer-me cafuné.

## II

Não, não tardes, minha amada,  
Circassiana flor bonita,  
Que por ti de amor palpita  
Meu coração! (*Bis.*)  
A nívea face mimosa  
Quero cobrir-te de beijos,

Vem saciar os desejos  
De teu sultão (6 vezes.)  
Ah!  
etc. etc, etc.

(*Abre-se a porta da direita e Josefina aparece vestida à circassiana, e envolta num véu.*) Ei-la. (*À parte.*) É uma estrela! (*Alto.*) Vou fingir que falo turco. (*Com um tom de voz muito suave.*) *Hoc opus hic labor est.* Taubaté. Guarapuava.

JOSEFINA — Miau trá lá cá dá cá.

NATIVIDADE (*À parte.*) — Que idioma! É um regato de mel serpeando suavemente numa planície de veludo! (*Alto.*) *I an very glad, very well! Titire, tu patulé recubans sub tegmine fagi.*

JOSEFINA — Miau trá dá cá dá cá.

NATIVIDADE (*À parte.*) — Miau trá dá cá dá cá... Diz sempre a mesma coisa... Isto aposto que significa... Eu te amo. Declaremo-nos. (*Alto. Com ímpeto.*) Ó Estambul! Cabul! Liverpool! (*Com explosão.*) Rio Grande do Sul!

JOSEFINA — Miau trá dá cá dá cá.

NATIVIDADE (*À parte.*) — Já amola! Hei de dizer ao Custódio que lhe vá ensinando o português nas horas vagas. Se almoçássemos? Um calicezinho de champanhe talvez... quem sabe? (*A Josefina, fazendo gestos de comer.*) *Usted mangiare!*

JOSEFINA — Cuic! Cuic!

NATIVIDADE (*À parte.*) — Ela disse *cuic!* É o *oui* das circassianas! (*Consentimento.*) Ah! Quando me dará o seu *cuic?* Vou ao hotel ali defronte encomendar um almoço. (*Sai pelo fundo, fazendo a Josefina sinal que espere.*)

#### CENA IV

JOSEFINA, só.

JOSEFINA — Ah! *Voilà un chinois de turc qui me embête.* (*Apresentando-se.*) Josefina Bataille; ex-modista no Rio de Janeiro e ex-artista em Constantinopla. Não sou circassiana, mas *parisienne!* No Rio de Janeiro apaixonei-me por um *garçon d'hotel*: José, o meu José! Enganada por ele, resolvi expatriar-me. Em Paris, deu-me a mosca e fui para Constantinopla em companhia de uma companhia de *zarzuela-buffe*. Ferraram-nos a mais tremenda pateada. Ficamos todos a tocar leques por bandurra. Mas um dos nossos atores, um espertalhão, descobriu um turco que, tendo de embarcar daí a dias para o Rio de Janeiro, pretendia levar consigo algumas escravas. Disse comigo. Estou arranjada! O homem paga-

me a passagem, e logo que chegarmos ao Rio de Janeiro, tomo às de vila-diogo. Agradei-lhe, e ele comprou-me por dois mil e quinhentos francos, que embolsei. Embarcamos... chegamos... e, no momento em que eu me dispunha a passar-lhe o pé, abre esta janela, diz-me: — Estamos em Túnis! O animal mudará de resolução? Estamos em Túnis, debaixo do pavilhão maometano, e pela lei, sou sua escrava! Que posição! E o diabo é que o diabo torna-se exigente como o diabo! Já começa a agitar o lenço. (*Remonta.*)

## CENA V

JOSEFINA, CUSTÓDIO, *depois* NATIVIDADE.

CUSTÓDIO (*Entra pela primeira porta da esquerda. Está vestido de turco, grande e alto toucado de eunuco. Não traz barbas. Um grande sabre, chinelas turcas.*) — Esta roupa é quente como os demônios, e este chanfalho é muito incômodo.

JOSEFINA (*À parte.*) — Olá! outro turco... Algum amigo.

CUSTÓDIO (*À parte.*) — A sultana! Oh! que é esplêndida e robusta. Aí está, é das mulheres que aprecio.

JOSEFINA (*À parte.*) — Como é feio!

CUSTÓDIO (*À parte.*) — Vou fingir que falo turco. (*Aproximando-se dela, e cumprimenta, dizendo.*) Trum, trum, trum!

JOSEFINA (*À parte.*) — Que estará ele dizendo?

CUSTÓDIO (*À parte.*) — Decididamente inda gosto de cerejas! (*Fazendo festas a Zetublé.*) Trum, trum, trum!

JOSEFINA — Que tipo. Ah! *Mais est-ce qu'il ne va pas finir ce vieux debardeur.*

NATIVIDADE (*Entrando pelo fundo. (À parte)*) — Está encomendado o almoço. (*Alto a Custódio.*) Omar, vil escravo! Aproximate!

CUSTÓDIO (*Que tem tomado a extrema, aproximando-se.*) — Aqui estou, grandeza do sol!

NATIVIDADE (*Indicando-lhe o fundo.*) — Vai para a sala dos eunucos.

CUSTÓDIO (*À parte.*) — Para o corredor.

NATIVIDADE — De cimitarra em punho! Degolarás todo aquele ou aquela que pretenda entrar ou sair!

JOSEFINA (*À parte.*) — *Saprelotte.*

NATIVIDADE — Estás nomeado eunuco-mor do harém!

JOSEFINA (*À parte.*) — Eunuco? (*Alto.*) Isto é demais!

NATIVIDADE e CUSTÓDIO — Hein?!

NATIVIDADE — Ela fala português!

CUSTÓDIO — Mas tem sotaque turco.

NATIVIDADE — Ah! aqui vão se passar coisas extraordinárias. (*A Custódio.*) Retira-te e retira da bainha a tua cimitarra. (*Cantam.*)

*Juntos*

NATIVIDADE Ela disse: isto é demais,  
Ela falou português!  
Explicar-me a coisa vais  
Em minutos dois ou três! (*Bis.*)

CUSTÓDIO Ela disse: isto é demais,  
Ela falou português!  
A pequena é das tais,  
Hei de ter a minha vez! (*Bis.*)

JOSEFINA — Sim, eu disse: isto é demais,  
Sim que falo português!  
E se daqui saio, jamais  
No Oriente ponho os pés! (*Bis.*)

(*Repetem 3 vezes; na 3ª duas, vezes. Custódia sai.*)

CENA VI

NATIVIDADE e JOSEFINA

NATIVIDADE — Fala! Quem tem ensinou a falar a língua de Camões?

JOSEFINA — Foi meu pai, que esteve muitos anos em Portugal.

NATIVIDADE — Pois ainda bem, assim nos poderemos entender melhor.

JOSEFINA — Quero pedir-te dois favores, trono de esplendor! pirâmide de sabedoria!

NATIVIDADE — Fala, andorinha de minha primavera!

JOSEFINA — Dispensa o eunuco.

NATIVIDADE — O meu fiel Omar! E depois?

JOSEFINA — Emprresta-me uns cobres para ir comprar um par de ligas?

NATIVIDADE — Queres sair?! Pela couraça de Maomé! Proíbo-te!

JOSEFINA — Então hei de levar todo o santo dia metida entre estas quatro paredes?

NATIVIDADE — Recalcitras?

JOSEFINA — Recalcitro!

NATIVIDADE — Vou mandar-te açoitar!

JOSEFINA — Não, não! Já cá não está quem falou!

NATIVIDADE (*À parte.*) — Hein! o que é a mulher no Oriente!  
(*Alto.*) Pois não sabes, ó desgraçada, que se um homem se atrever a olhar para ti, estou no meu direito de degolá-lo?

JOSEFINA — Oh!

NATIVIDADE — E de coser-te ali num saco, como um macaco, um galo, uma serpente, e um coelho e de lançar-te ao mar! Hum!

JOSEFINA (*À parte.*) — Ora esta!

NATIVIDADE — Agora sorri!

JOSEFINA — Mas...

NATIVIDADE — Ordeno-te que sorrias!

JOSEFINA (*Sorrindo.*) — Pronto!

NATIVIDADE — Ah! Ah!

## CENA VII

### *Os mesmos e CUSTÓDIO*

CUSTÓDIO (*Entrando pelo fundo, de cimitarra em punho.*) —  
Montanha de cortesia!

NATIVIDADE — Que há?

CUSTÓDIO (*Baixo.*) — O inquilino do terceiro andar diz que está aí a nova proprietária, que vem examinar o prédio.

NATIVIDADE (*A Josefina.*) — É o cádi que me vem visitar... Vai para o teu quarto.

JOSEFINA — Obedeço, cornija da abódada celeste. (*Sai pela direita, primeiro plano.*)

## CENA VIII

NATIVIDADE, CUSTÓDIO, *depois* SIMPLÍCIA e o primo alferes

ALFERES (*Dentro.*) — A casa é bem boa!

SIMPLÍCIA (*Dentro.*) — Construção muito sólida!

NATIVIDADE (*Que subiu, olhando para o fundo.*) — Céus! Minha mulher!

CUSTÓDIO — A patroa!

NATIVIDADE — Com o primo alferes.

CUSTÓDIO — Vão ver-nos vestidos de turcos! Onde nos devemos meter?

NATIVIDADE — Prudência! Estas vestimentas podem salvar-nos!  
(*Fazendo Custódio sentar-se à turca no divã da esquerda.*) — Senta-te aí.. .

cruza as pernas...fuma neste cachimbo! (*Dá-lhe um grande cachimbo turco, que vai tirar do cabide*)

CUSTÓDIO — Mas eu não fumo. O tabaco faz-me mal!...

NATIVIDADE — Tanto melhor! (*Sentando-se num coxim, do outro lado.*) E eu aqui... e bico! (*Cruza as pernas e acende um cachimbo. Simplícia aparece ao fundo, seguida pelo primo alferes, que está fardado.*)

#### *Quarteto*

SIMPLÍCIA — Olé? dois turcos! dois!

ALFERES — Dois turcos, é verdade!

SIMPLÍCIA — Isto pra mim é novidade!

Eu não sabia que os meus inquilinos

Fossem turcos!

ALFERES — São turcos genuínos!

#### *[Juntos]*

SIMPLÍCIA e ALFERES

Oh! que tipos

Que tipões,

Me parecem

Dois sultões (*Bis.*)

CUSTÓDIO e NATIVIDADE

Para ver-me

Nos sertões,

Dava agora

Dez tostões. (*Bis.*)

SIMPLÍCIA (*Aproxima-se.*) — Sou sua senhoria!

NATIVIDADE (*Falando.*) — Mamamut, mamamut, mamamut!

ALFERES — Jesus! Que algaravia.

NATIVIDADE — Trombuctu, trombuctu. (*Bis.*)

SIMPLÍCIA — Não sabem português.

ALFERES — Talvez saibam francês...

*Elle est la propriétaire.*

CUSTÓDIO — Mmamut, mamamut, mamamut, mamamut.

SIMPLÍCIA — *Nous ne pouvons rien faire!*

CUSTÓDIO — Tombuctu, tombuctu, tombuctu, tombuctu!

ALFERES — Não sabem o francês.

SIMPLÍCIA — Inglês sabem talvez.

*I am the proprietary.*

NATIVIDADE — Mamamut, mamamut, mamamut!

ALFERES — Não sabe o que é *proprietary!*

CUSTÓDIO e NATIVIDADE — Tombuctu, tombuctu, tombuctu!

TODOS

— Mamamut!  
Tombuctu!

SIMPLÍCIA e ALFERES  
Mamamut, tombuctu,  
Mamamut, tombuctu,  
Mamamut, tombuctu,  
Tom, tom, tom, tombuctu!

CUSTÓDIO e NATIVIDADE  
É língua de zulu,  
Mamamut, tombuctu;  
É língua de zulu,  
É língua de zulu!

ALFERES — Não sabem português... podemos falar sem receio.  
Prima Simplícia, eu continuo a amá-la com todas as forças de minha alma!

CUSTÓDIO e NATIVIDADE — Hein?

ALFERES e SIMPLÍCIA (*Voltando-se.*) — O que é?

NATIVIDADE — Mamamut!

CUSTÓDIO — Tombuctu!

ALFERES — Lembra-se daquela vez... seu marido estava na Europa... em que jantamos juntos no Bragança, em *tête-à-tête*... num gabinete que dava para a Rua do Cano?

SIMPLÍCIA — Cale-se.

NATIVIDADE (*À parte.*) — E esta?

ALFERES — À sobremesa, a prima Simplícia sempre vigorosa, não me quis atender; pôs a capa e o chapéu e...

SIMPLÍCIA — Tinha-me esquecido de fechar as gavetas, e não me fio em criados.

NATIVIDADE (*À parte.*) — Felizmente.

ALFERES — Para a outra vez não se esqueça de fechar as gavetas sim, prima Simplícia?

SIMPLÍCIA — Cale-se!

ALFERES — Outro cálice! A prima Simplícia está hoje inesgotável!  
(*Beija-lhe a mão.*)

NATIVIDADE — Mamamut! Mamamut!

CUSTÓDIO — Tombuctu! Tombuctu!

SIMPLÍCIA — Que tipos, vamos ver o resto da casa.

ALFERES — Às suas ordens, prima Simplícia. (*Dirigindo-se à porta da direita.*) Uma alcova.. Oh!...

SIMPLÍCIA — O que foi?

ALFERES (*Disfarçando.*) — Nada! Apertei o dedo na porta! (*À parte.*) Uma odalisca! Um harém ali dentro!

SIMPLÍCIA (*Que tem pegado na bengala de Natividade, dá-lhe com ela.*) — Ah!

ALFERES — O que é?

SIMPLÍCIA — Nada! (*À parte.*) Dir-se-ia a bengala de meu marido!  
Hei de cá voltar...

ALFERES (*À parte.*) — Vou e volto!  
SIMPLÍCIA — Vamos, primo alres?  
ALFERES — Às suas ordens, prima Simplícia. (*Saem.*)

## CENA IX

NATIVIDADE, CUSTÓDIO, *depois* JOSÉ

NATIVIDADE (*Levantando-se.*) — Foram-se.

CUSTÓDIO (*Idem.*) — Há muito tempo. Já estou tonto de tanto fumar!

NATIVIDADE — Instalei Zetublé na casa que minha mulher comprou na minha ausência. Amanhã mudamo-nos.

CUSTÓDIO — E o priminho a fazer o seu pé-de-alferes!

NATIVIDADE (*Muito sério.*) — Custódio, eu não sou homem de preconceitos... mas vou fechar a porta ao tal priminho. (*Entra pelo fundo José, vestido de moço de restaurante, com um almoço servido numa mesinha, deixando ficar perto da porta da esquerda uma cesta com vinho.*)

NATIVIDADE — Ah! bem, bem! (*Chamando.*) Zetublé, Zetublé!

## CENA X

*Os mesmos e ZETUBLÉ*

ZETUBLÉ (*Entrando.*) — Chamou-me!

NATIVIDADE — Para almoçarmos.

JOSÉ (*A Natividade.*) — Não deseja mais nada?

JOSEFINA (*À parte.*) — Ah! meu Deus! esta voz! (*Reconhecendo.*) José?!

JOSÉ (*À parte, estupefato.*) — Josefina!

NATIVIDADE — O que tem você, homem?

JOSÉ (*Palpitante.*) — Nada!

NATIVIDADE — Então, deixe-nos. (*Sai José pelo fundo, olhando para Josefina.*)

JOSEFINA (*À parte.*) — José em Túnis!

NATIVIDADE (*A Josefina.*) — Senta-te à minha direita. (*Sentam-se à mesa.*)

CUSTÓDIO (*Procurando lugar para sentar-se.*) — E então eu?

JOSEFINA (*Dando-lhe o prato de arroz.*) — Tome; vá para o seu quarto.

CUSTÓDIO (*Consigo.*) — Vá lá! cá levo o champanhe para digerir o arroz. (*Toma, sem ser visto, um cesto de garrafas, que José tem posto, ao entrar, perto da porta da esquerda, primeiro plano. Sai por essa porta.*)

## CENA XI

NATIVIDADE, JOSEFINA, *depois* JOSÉ

NATIVIDADE — Finalmente estamos sós... sozinhos!

JOSEFINA — É verdade. (*À parte.*) Como é feio!

NATIVIDADE (*Com ímpeto.*) — Ó Zé, Zé!

JOSEFINA (*Friamente, erguendo-se.*) — O que há?!

NATIVIDADE (*Acompanhando-a*) — Fala-me, dize-me coisas açucaradas... Canta-me uma cantiga da tua terra!

JOSEFINA — Ah! quer que lhe cante uma cantiga! Então lá vai! *Os dois pombinhos.* (*À parte.*) Vou impingir-lhe um *couplet* do repertório da *ópera-bouffe*.

NATIVIDADE — Vamos lá

### I

JOSEFINA — Conheci dois namorados,  
Cada qual o mais discreto,  
Quem os via tão chegados  
Invejava aquele afeto.  
A trocaram mil carinhos, mil carinhos,  
Pareciam dois pombinhos, dois pombinhos!  
E até diziam  
Que assim faziam, (*Bis.*)

JOSEFINA Quando sozinhos,  
(*Rolando.*) Ru, ru! Ru, ru! Ru, ru!

NATIVIDADE — Ru, ru! Ru, ru! Ru, ru!

JOSEFINA — Ru, ru! Ru, ru! Ru, ru! Ru, ru!

NATIVIDADE — Rucutucu! Rucutucu! Rucutucu! Rucutucu!

JOSEFINA — Pombo gentil, gentil pombinha,  
Hás de ser meu, há de ser minha!  
Hás de ser meu!

### II

Mas depois de bem casados,  
Adeus, minhas encomendas!  
Eram só por seus pecados,  
Discussões e mil contendras,  
Dele um murro, dela um soco  
Não ficava sem ter troco,  
E, assim diziam,  
Já não faziam (*Bis*)  
Muito nem pouco!

Ru... ru...  
etc., etc., etc.

NATIVIDADE (*Tomando-a pela cintura com explosão.*)—Ó Zé, ó Zé, ó Zé, ó Zetublé!

JOSÉ (*Aparecendo ao fundo.*) — O senhor chamou?

NATIVIDADE — Vai-te embora, garçom! Não me esfries a cena!

JOSÉ — Parece-me que tinha ouvido: Ó Zé! (*Sai.*)

JOSEFINA (*À parte.*) — E nunca foi tão bonito!

NATIVIDADE — Em que pensas?

JOSEFINA (*Sentando-se à mesa.*) — Penso que... que estou com o estômago a dar horas.

NATIVIDADE (*À parte, sentando-se.*) — Pois, senhores, a pequena fala o português como Fernão Mendes Pinto. (*Com explosão.*) Ó Zé... tublé!

JOSEFINA — Quietos!

JOSÉ (*Entrando.*) — O senhor chamou?

NATIVIDADE — Deixa-nos, por Maomé. (*José sai*) Este garçom é insuportável! Huri do meu coração, uma taça de champanhe, vai?

JOSEFINA — Duas ou três, se quiser.

NATIVIDADE (*Procurando as garrafas.*) — Ora esta! Onde diabo está o champanhe?

JOSEFINA — Chame o garçom.

NATIVIDADE — Qual garçom! Estou farto do tal garçom! Provavelmente Omar levou as garrafas para o seu quarto! Vou buscá-las. Volto já! (*Enviando-lhe um beijo.*) Volto já!... (*Entra no quarto de Custódio.*)

### CENA XIII

JOSEFINA, JOSÉ, *depois* NATIVIDADE

JOSÉ (*Aparecendo.*) — O senhor chamou?

JOSEFINA — José!!

JOSÉ — Josefina! Estás só?

JOSEFINA — Oh! leva-me daqui! leva-me daqui!

JOSÉ — Para onde?

JOSEFINA — Para onde quiseres! Para o inferno! Ainda me amas?

JOSÉ — Oh! sempre! (*Ajoelha-se-lhe aos pés. Natividade entra.*)

NATIVIDADE — Aqui está o champ... (*Vendo-os, com um grito.*)  
Oh! (*Arrolha o champanhe que salta com a explosão.*)

*Tercetino*

NATIVIDADE — Que vejo! (*Bis.*)

JOSEFINA e JOSÉ — Nós fomos apanhados  
Coa boca na botija!

NATIVIDADE (*Puxa o alfanje.*) — Oh! desgraçados,  
É natural que disto explicação exija!  
Por Maomé!

JOSEFINA (*Protegendo José.*) — José! Meu José!

NATIVIDADE (*Avançando para eles.*) — Zetublé!

JOSÉ — Zetublé!

— Eu não me posso ter em pé!

JOSEFINA — Meu José, meu José!

Dá neste turco um pontapé!

NATIVIDADE — Maomé! (*Bis.*)

Eu vou matar este José!

(*A Josefina.*) Sem mais demora,

Para o meu quarto

Vá senhora.

(*Empurra Josefina para o quarto, depois avança para José. Tragicamente.*)

E nós, agora!...

(*Vai como que cantar uma grande ária, avançando para José, que se defende, levantando a mesa. A orquestra pára subitamente interrompendo o ritornello da ária, que deve ser a Tosca.*)

#### CENA XIV

NATIVIDADE, JOSÉ, depois CUSTÓDIO

NATIVIDADE (*Muito calmo.*) — Não sejas tolo... não te quero mal... (*Dando-lhe uma nota.*) Aqui tens cinco bagarotes.

JOSÉ (*Admirado.*) — Não percebo...

NATIVIDADE — Solta um grande grito... Assim como se te estivessem matando!

JOSÉ — Está doido?

NATIVIDADE — Solta um grito! (*Lembrando-se.*) Ah! espera lá!  
(*Dá-lhe um pontapé. José solta um grito e foge pelo fundo.*) Pronto!

CUSTÓDIO (*Entrando com um grande saco às costas.*) — Cá vou deitar no corredor o primeiro saco de rolhas!

## CENA XV

### *Os mesmos e JOSEFINA*

JOSEFINA — Ouvi um grito... *Mon Josef!*... (*Vendo o saco às costas de Custódio, solta um grito de pavor.*) Ah! ele está naquele saco! Assassinado! (*Custódio tem saído pelo fundo.*)

NATIVIDADE — Fiz justiça! (*Para fora.*) Omar, manda lançar esse cadáver ao mar!

JOSEFINA — Assassino! Malvado! Odeio-te! Detesto-te!

NATIVIDADE (*Tomando-a pela cintura.*) — Façamos as pazes, louquinha!

JOSEFINA — Não te aproximes de mim. Eu mordo-te!

NATIVIDADE — Fica assim! És sublime nas tuas fúrias! (*Excitando-a.*) Kis! Kis, enfurece-te mais, de vez em quando hei de mandar matar um garçom, para te ver assim furiosa! (*Com graça.*) Até logo, alma da minha vida, até logo! (*Sai pela direita.*)

## CENA XVI

### *JOSEFINA, depois o ALFERES*

JOSEFINA — Oh! *Jé comprendo Judith et Olofernes!*

ALFERES (*Entrando cautelosamente.*) — Entrei pela outra porta, de que tenho urna chave! Oh! a sultana...

JOSEFINA (*À parte.*) — Um militar!

ALFERES — Fala português?

JOSEFINA — Falo! (*À parte.*) Aqui em Túnis, muito se fala o português!

ALFERES (*Caindo-lhe aos pés.*) — Nesse caso, amo-a!

JOSEFINA — Senhor!

ALFERES (*Com volubilidade.*) — Eu nunca tinha visto sultana senão nas mágicas... Desde a primeira vez que tive a ventura suprema de vê-la, senti circular-me nas veias um fogo estranho, eu...

JOSEFINA (*Atalhando.*) — Desgraçado, pois não sabe?

ALFERES — O quê?

JOSEFINA — Nessa casa corta-se a cabeça a um homem...

ALFERES — Virgem Maria!...

JOSEFINA — ... com a mesma facilidade com que a uma galinha!

ALFERES — Valha-me Deus! (*Cai sentado. Natividade e Custódio, que aparecem, soltam ambos um grande grito ao dar com ele. Forte na orquestra. O alferes foge pela esquerda, primeiro plano.*)

## CENA XVII

### JOSEFINA, NATIVIDADE e CUSTÓDIO

NATIVIDADE (*Solene.*) — Omar?

CUSTÓDIO — Patrão! (*Emendando.*) Ben-Cid-Natividade?

NATIVIDADE — Desembainha o teu alfanje, vai ao encaço desse alferes, e corta-lhe a cabeça.

CUSTÓDIO — Sim, fonte de suavidade! (*Sai pela esquerda, primeiro plano.*)

JOSEFINA — Perdão, perdão para ele! Eu não o conheço! Juro-lhe que está inocente!

NATIVIDADE — Pelo bigode do Profeta. Não o defendas, mulher! (*Custódio reaparece com outro saco às costas e sai pelo fundo.*) Ali vai o saco do alferes.

JOSEFINA (*Com um grito.*) — Outro! Dois homens perderam a cabeça por meu respeito. (*Vai desmaiar. Natividade sustém-na.*)

NATIVIDADE — Como és bela assim! Deixo-te entregue às tuas reflexões... Mas pelo umbigo de Maomé! Não recebas visitas, se é que a espécie humana te merece alguma consideração! .Vai encomendar mais sacos! (*Sai pelo fundo e fecha a porta. Simplícia aparece no segundo plano, esquerda.*)

## CENA XVIII

### JOSEFINA e SIMPLÍCIA

JOSEFINA — Estamos num belo país, não há que ver.

SIMPLÍCIA (*À parte.*) — Aqui anda coisa... Aquela bengala!

JOSEFINA — Uma senhora!

SIMPLÍCIA — Uma turca! Josefina, que foi minha costureira!

JOSEFINA — Oh! Uma freguesa fluminense! E esta!

SIMPLÍCIA — Que faz você aqui? E assim vestida?

JOSEFINA — Estou em poder de dois tigres... dois turcos! dois degoladores!

SIMPLÍCIA — Meu Deus!

JOSEFINA — Salve-me, madama, salve-me das garras de Ben-Cid-Natividade!

SIMPLÍCIA — Hein? ! Chama-se Natividade?

JOSEFINA — E o outro Custódio... Custódio Omar.

SIMPLÍCIA — O guarda-livros.

JOSEFINA — Não é essa precisamente a sua profissão!

SIMPLÍCIA — Ah! desavergonhados! tratantes... Sossegue, que arrancá-la-ei ao jugo dos seus algozes! Ouvi rumor, esconda-me... esconda-me, que ele vai ver o bom e o bonito!

JOSEFINA — No meu quarto, ali...

SIMPLÍCIA — Nem uma palavra, e conte comigo! Ah! Maroto!  
(*Entra no quarto de Josefina.*)

JOSEFINA — Mas como diabo...

## CENA XIX

JOSEFINA, JOSÉ, *depois* o ALFERES

JOSÉ — Psit! Psit, Josefina,  
Aqui estou, mulher divina!  
Pois que adorar-te é meu fraco.

JOSEFINA — Pois não estás no saco?

ALFERES (*Aparecendo.*) — Psit! Psit, ó menina!  
Aqui estou, huri divina!  
Pois adorar-te é meu forte!

JOSEFINA — Também escapou à morte?  
(*Assustando-se.*) Escondam-se!

ALFERES e JOSÉ — Oh! (*Desaparecem ambos, forte na orquestra.*)

JOSEFINA — *Vivants tous deux, ces farceurs de turcs m'ont fait poser!* (*Entra Custódio um pouco embriagado.*)

## CENA XX

JOSEFINA, CUSTÓDIO, *depois* NATIVIDADE

CUSTÓDIO — O champanha é bom, mas é velhaco. Fiz como o patrão, tomei uma turca. (*A Josefina.*) Meu amo, o décimo terceiro raio do sol, mandou dizer a vossemecê que... (*Procurando lembrar-se.*) O que diabo mandou ele dizer? Ora esta?

JOSEFINA — Durma um pouquinho.

CUSTÓDIO — Isso não! Não posso dormir ao pé de um prato de cerejas.

JOSEFINA — Pobre turco!

CUSTÓDIO (*À parte.*) — É esplêndida! (*Toma-lhe a mão e beija-a.*)  
Tombuctu! Tombuctu!

JOSEFINA — O quê? Ah! Quer a outra! (*Dá-lhe a outra mão.*)  
*Custódio beija-a.*) Pobre mamamuth!...

NATIVIDADE (*Entra pelo fundo com o turbante enviesado.*) — Não sei o que tenho... Eu não sou turco, mas também parece-me que não estou lá muito cristão! (*Alto.*) Omar, sola dos meus sapatos! (*Toma-lhe o braço e encostam-se um ao outro rindo.*) Que a minha vontade seja a tua lei! (*Tirando um lenço da algibeira.*) Chegou o momento. Leva esta mensagem à sultana!

JOSEFINA (*À parte.*) — *Rigri... et demande l'addition!*

CUSTÓDIO (*À parte, com o lenço na mão, aproximando-se de Josefina, a cambalear.*) Estou com vontade de lhe dar também o meu. (*Tira da algibeira um lenço de tabaco e, dobrando o joelho, apresenta os dois lenços a Josefina.*) Branca filha da branca Circássia... aceita este testemunho da consideração e respeito com que somos... de Vossa Senhoria... atentos, veneradores e criados...

JOSEFINA — Dois lenços! eu não estou endefluxada!

NATIVIDADE (*Aproximando-se desta com amor.*) — Preciso dizer-te tantas coisas?!

JOSEFINA — Permite, grande luz, que eu vá vestir os meus vestidos de gala.

NATIVIDADE — Que te acompanhem as graças e te conduzam amores. Tens três minutos para mudar a fatiota. (*Josefina sai pela direita média.*)

## CENA XXI

### NATIVIDADE e CUSTÓDIO

CUSTÓDIO — É pena que o patrão só tivesse comprado uma.

NATIVIDADE — Omar!

CUSTÓDIO (*Sem dar-lhe ouvidos.*) — Se ele ma quisesse ceder pelo custo...

NATIVIDADE — Omar!...

CUSTÓDIO — Patrão!...

NATIVIDADE — Inunda-me de perfumes. Quero embriagá-la.

CUSTÓDIO — Perfumes? Então, com licença: vou até os *Dois Oceanos*.

NATIVIDADE — Quais *Dois Oceanos!* Toma! (*Tira da algibeira dois vidros de perfumarias.*) Derrama-me essas águas nos cabelos... no pescoço...

CUSTÓDIO — Eu também sou filho de Deus! (*Derrama um vidro sobre Natividade e outro sobre si.*)

NATIVIDADE — Derrama... Nos olhos não, desgraçado! (*Tendo-se acabado a perfumaria, derrama Custódio sobre Natividade o champanha de uma garrafa que trouxe debaixo do braço.*)

CUSTÓDIO — Acabou-se! (*Desfaz-se da garrafa e dos vidros.*)  
NATIVIDADE — Escravo, é a festa dos mirtos! Vai buscar a formosa Zetublé.

CENA XXII

NATIVIDADE, CUSTÓDIO, DONA SIMPLÍCIA, *depois* JOSÉ, O ALFERES e ZETUBLÉ

(*Música na orquestra. Dona Simplícia aparece vestida de circassiana e com o rosto coberto por um véu. Custódio toma-a pela mão, eleva-a solenemente para junto de Natividade.*)

NATIVIDADE — Aproxima-te, sol das minhas noites! (*Beija-lhe a mão.*)

CUSTÓDIO (*Beijando-lhe a outra mão.*) — Lua dos meus dias.

SIMPLÍCIA (*Afastando o véu.*) — Vocês são dois patifes!

NATIVIDADE (*Recuando.*) — Minha mulher!

CUSTÓDIO — A patroa! (*Josefina, Alferes e José apareceram.*)

SIMPLÍCIA (*Tirando um lenço do bolso.*) — Então foi para isto que lhe marquei duas dúzias de lenços. (*A Josefina.*) Venha, Josefina!

NATIVIDADE — Josefina!

SIMPLÍCIA — Minha ex-modista.

NATIVIDADE — Pois não é circassiana?

JOSEFINA — Parisiense!

NATIVIDADE — Parisiense. Passe já para cá os meus dois mil e quinhentos francos.

SIMPLÍCIA — É o seu dote, porque vai casar.

JOSÉ (*Tomando a mão de Josefina.*) — Comigo. Ah! Eu já estava para atirar-me (*Aponta para a janela.*) ali do zimbório da Candelária abaixo.

[*(Cai o pano.)*]

[*Fim da peça*]